

Review
Play “Meu Sonho Era...”
(“Il Mio Sogno Era...” ITALIANO)
Director and Acting: Luciana Arcuri

Breves Cenas premiadas: jurados comentam cenas vencedoras

O júri do festival este ano é composto por Alexandre Mate, pesquisador e professor de teatro de São Paulo, por Fernando Villar, professor e diretor do teatro em Brasília, e pelo amazonense Jorge Bandeira, diretor, dramaturgo, crítico e professor do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

“Espetáculos simples, porém completos”, “trabalhos inusitados com domínio de técnicas” e “diversidade de linguagens cênicas e performativas”. Esses foram alguns dos adjetivos utilizados pelo júri da 5ª edição do Festival Breves Cenas de Teatro, que aconteceu no período de 20 a 25 de março, no Teatro Amazonas, situado no Largo São Sebastião, bairro Centro, para avaliar as 8 cenas premiadas na mostra competitiva, distribuídas entre 6 categorias. 700 pessoas por dia – capacidade total de público do TA – contemplaram as cenas em cada dia do festival, totalizando 3.500 pessoas presentes nos cinco dias do evento.

De acordo com o ator Dyego Monnzaho, que assina a direção geral do festival juntamente com o ator Francis Madson, o alcance da conquista com o público se deve ao nível de excelência artística galgado pelo evento, que, além das 16 cenas em competição, contou com a reexibição de mais quatro cenas vencedoras de edições passadas, em comemoração ao aniversário de 5 anos do Breves Cenas (“Box Com Palhaçada” (AM), “O Casamento” (AM), “E Se Fosse Você Exatamente Aqui, Agora?” (RJ) e “Amostra Grátis” (RS).

“Neste ano tivemos 16 boas cenas. As qualidades técnicas e estéticas dos trabalhos são muito altas. E isso é passado para o público, que pôde conferir coisas interessantes, ter uma experiência única e mostrar que o teatro ainda vale a pena. Mesmo com toda a aceleração da humanidade, o teatro ainda é algo que merece um destaque”, ressaltou o diretor-geral. Ainda conforme Monnzaho, cerca de mil pessoas não conseguiram entrar no Teatro Amazonas para assistir às cenas, por conta da superlotação do local no período em que aconteceu o festival. O júri do festival este ano foi composto por Alexandre Mate, pesquisador e professor de teatro de São Paulo; por Fernando Villar, professor e diretor do teatro em Brasília; e pelo amazonense Jorge Bandeira, diretor, dramaturgo, crítico e professor do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

“Comunicar o corpo com a respiração, o riso e a dramaticidade”, Luciana Arcuri, atriz de O Homem (SP)



Para Luciana Arcuri, que conduziu a atuação da cena “O Homem”, o mais prazeroso foi ter comunicado ao público o que ela quis comunicar. Segundo ela, a cena falava acerca de várias fusões: a da solidão com a função de estar vivo e viver o agora, da linguagem do palhaço e da comicidade. “Para mim é como se tivesse sido um “gol” de cena, porque não é só o texto falado, mas o texto corporal. A procura do amor, que é a sinopse do espetáculo, mas a sensação de conseguir comunicar com o corpo, com a respiração, com o riso, com a dramaticidade, com o querer estar junto com alguém... tem toda essa complexidade de um só. É uma cena procurando o amor”, definiu Arcuri.

Ternura e astúcia

Crítica – Meu sonho era... (Luciana Arcuri, São Paulo) Festivale 2012

Kil Abreu

São tão variadas as expressões do palhaço que uma das coisas mais interessantes enquanto aguardamos a entrada de um deles é imaginar quais características e questões vai levar à cena. Em “Meu sonho era...” tivemos o diálogo com os mineiros do Maria Cutia, que trouxeram “Como a gente gosta”, um Shakespeare também marcado pela reflexão sobre o amor idealizado.

O clown de Luciana Arcuri é daqueles movidos pela busca incessante da cara metade e por alguma expectativa diante do seu objeto. Uma parte do interesse teatral e dos motivos de riso está no sentimento de uma paixão firme que parece não ter endereço certo. É como amor de adolescente: em um dia qualquer acorda-se apaixonado, sem saber muito bem o porquê nem por quem, simplesmente é assim.

Mesmo sob sol forte a plateia cresceu em torno da cena. Nos quarenta minutos de apresentação as variações entre roteiro e improviso seguem com boa fluência. Como acontece em geral a sequência de quadros é amarrada menos por uma história redonda e mais pelo próprio tema. São micro situações que testam a capacidade da atriz em conduzir e fazer valer uma criatura ao mesmo tempo terna e traquinas. Para isso ela conta com a indispensável colaboração da plateia, que faz a contracenar até o fim do espetáculo.

É quando podemos ver que o poético no comportamento do início vai ganhando lances de um “espírito de porco” que teima seduzir alguém escolhido do público, em uma sequência de ações que comprometem a “vítima” em jogos sensuais, promessas mudas de amor e assim por diante.

O quadro mais interessante, no entanto, é aquele em que a palhaça inventa um parceiro imaginário, personificado por um jaquetão e um cabide. A chave, então, muda. Aquela que antes era a sedutora passa agora a ser seduzida, em uma cena que acontece sob um fundo musical ultra romântico e na qual a dama não concorda inteiramente com a liberalidade dos gestos do seu parceiro. A atriz encontrou variações divertidíssimas a partir desta situação. Personifica bem o tal homem imaginário usando apenas um dos braços e, de quebra, ainda introduz um terceiro personagem, de maneira que ao final a coisa se complica porque então já não se trata de um casal, mas de um triângulo, no melhor estilo das imagens melodramáticas.

Uma intervenção divertida e bem sustentada, que indica caminhos promissores para o clown de Luciana Arcuri.

Teatro gratuito e ao céu aberto conquista o público

Atriz Luciana Arcuri é a grande estrela do espetáculo

O Espetáculo “Meu Sonho Era...” apresentado no parque ecológico de Vila Prudente (Lidya Natalizio Diogo) atraiu crianças, adultos e alguns curiosos que praticavam sua seção de exercícios em uma bela manhã da cidade, a peça contou também com um grupo bem participativo e que fizeram o sucesso do teatro.



Luciana Arcuri é a atriz principal da peça (Foto: Henrique Rodrigues)

A peça interpretada pela atriz Luciana Arcuri formada em (comunicação das artes do corpo) pela PUC de São Paulo, a peça tem a duração de aproximadamente 45 min e conseguiu prender o público do começo ao fim. O início da apresentação já chama a atenção dos espectadores já que personagem Maria Eugênia é caracterizada como uma palhaça, feliz, sorridente, muito divertida e uma romântica a cada ato durante a peça. Com muito gestual, participação do público, brincadeiras com a platéia e objetos inusitados como um papel higiênico, uma mala laranja, uma rosa e uns guardas chuva ao final da peça incrementam ainda mais a história que termina com um final feliz.

<http://www.elperiodiquito.com/modules.php?name=News&file=article&sid=18628>[28/12/2010 22:33:50]